

**CIGANOS: FILHOS DO VENTO, TRANSEUNTES ERRANTES  
NA ECOLOGIA DA LÍNGUA**

Mônica Cristina Soares Barretto (UFF)  
[monica\\_moreno\\_estrela@hotmail.com](mailto:monica_moreno_estrela@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente artigo tem por principal objetivo analisar o trânsito da língua em território cigano católico no Estado do Rio de Janeiro e sua manutenção, sobretudo pelo fenômeno *de modus dicendi* que se caracteriza pela forma de expressão natural de um povo. Através dessa perspectiva, a dimensão espiritual da língua é analisada, alicerçada na cultura pelo prisma da devoção à Santa Cigana: Santa Sara Kali. Nesse contexto, foi utilizado um texto produzido por um cigano como *corpus theoricus* a fim de holisticamente vislumbrar a língua cigana na sua amplitude espiritual, no que tange à vivência no trato real dos falantes do romani. O pressuposto para fundamentação teórica foi ancorado na Ecolinguística, na técnica da Análise do Discurso Ecológica (ADE) e nos conceitos espirituais, para que, como experimento se pudesse ter uma vivência acerca da estrutura da língua sobre suas inter-relações no meio ambiente espiritual, na intimidade, pela fé. As informações que englobam o *corpus* foram extraídas de *sites*, redes sociais e visitas de campo com falantes reais da língua, tendo em vista a escassa bibliografia sobre nosso *corpus* e sendo respeitado o mistério que envolve a língua cigana, que é mantida como protetiva por seus usuários. Os resultados alcançados ressaltaram a característica animista das comunidades ciganas católicas, o que promove a curiosidade em prosseguir com reticências a serem preenchidas por novas pesquisas.

**Palavras-chave:**  
Católico. Cigano. Ecolinguística.

**ABSTRACT**

The main objective of this paper is to analyze the dynamics of language in a Romani Catholic territory in the state of Rio de Janeiro and its maintenance, mainly considering the *modus dicendi* phenomenon, characterized as a natural means of expression of a people. Considering that, the spiritual dimension of language is approached, built upon the devotion to the Romani Saint Sarah. In this context, a text produced by a Romani was used as *corpus theoricus* as to analyze the spirituality established between Romani language and life. Our discussion is based on the theoretical framework of Ecolinguistics, on the techniques proposed by Ecological Discourse Analysis and on spiritual concepts so we could have a grasp on the structure of language in spiritual, intimate and religious contexts. Our *corpus* consists of data taken from *websites*, social media and *in loco* visits to Romani speakers, considering the scarcity of bibliography about it, also respecting the mysterious atmosphere envolved with Romani language, carefully kept by its speakers. Our results show the animist characteristics of Roman Catholic Romani communities, which raises curiosity over which paths to take regarding future research.

**Palavras-chave:**  
Catholic. Romani. Ecolinguistics.

## **1. Introdução: Os filhos da liberdade**

Debater sobre os ciganos é o mesmo que fazer uma viagem às cegas em busca de respostas, caminhar por territórios não transitados, desvendar mistérios e seguir sem direção – uma viagem colorida, mesmo em dias nublados, porque a alma cigana reflete as cores da vida.

Esse povo tão sublime traz, na ancestralidade, a força para caminhar. Sua tradição milenar o ampara na longa caminhada, mesmo quando tudo parece solitário. Ele era avesso ao controle da sociedade, que o rechaçava pelo simples fato de serem ciganos. Vê-los entrar em determinado território era motivo de medo e repulsa, por isso não podiam instalar-se por muito tempo em qualquer lugar.

Este artigo retrata os caminhos traçados pelo povo cigano católico desde sua origem até a sua chegada ao Estado do Rio de Janeiro, sua história na diáspora, sua religiosidade nos caminhos da fé, guiado pela Santa do povo cigano e os percursos traçados da sua língua, abordando as questões do segredo e proteção que ela exerce na cultura cigana.

Ao longo de toda a história, o povo cigano teve contato com os mais variados povos em diferentes territórios, porque sofria com os constantes deslocamentos (diáspora). Tradicionalmente, acreditava-se que o faziam por vontade, mas estudos posteriores comprovam que o constante trânsito era condição indispensável para a sobrevivência. O preconceito era seu substantivo, a Igreja intensificava a visão depreciativa da sociedade, pois era alheia às leis impostas, como sinalizou Teixeira (2008). Sua origem permanece contestável, visto que não havia registro do seu trânsito em cada território transitado. Para muitos estudiosos, sua procedência vem da Índia, numa região conhecida por Pujari, conforme Vaz (2005). Raros são os registros sobre os ciganos, haja vista tratar-se de um povo ágrafo.

Hoje, a maioria dos especialistas como Mota (1986), Hancock (1995), Couto (2002) acredita que os ciganos sejam originários da Índia e que, ao deixarem esse país, entre os séculos X e XI, devido aos sucessivos conflitos armados com as tropas islâmicas, dividiram-se em: *rom*, *sinti* e *calon*. (Cf. COUTO, 2013, p. 215).

A língua, para as comunidades ciganas, é algo sagrado e de proteção, pois era por meio dessa ferramenta de comunicação que a população cigana se reconhecia. Vale registrar que a sua língua se modificou ao longo de todo o trânsito no contato com várias outras comunidades de fa-

la através da interação comunicativa. A motivação para o presente é preencher as lacunas dessa língua tão pouco estudada e desvendada. Diante do modo de viver cigano, que é natural, o alicerce para tal estudo se valeu pelo viés da Ecolinguística (Cf. COUTO, 2007), da Análise do Discurso Ecológica (ADE) e dos conceitos espirituais da língua, para trazer a lume o meio ambiente na sua concepção holística.

No Brasil, a referência nessa área é o professor da Universidade de Brasília Hildo Honório do Couto, que nasceu em uma área rural e viveu em contato com a terra, desenvolvendo desse modo sua teoria também amparada nas leituras do grande pai desta disciplina: Einar Haugen (1972), que a nomeou inicialmente de *ecology of language* e *language ecology* respectivamente. O autor ressalta que foi Haugen quem conceituou a disciplina pela primeira vez e também escreveu sobre ela, ao estudar uma comunidade de fala da Ilha Faroe, na Dinamarca, se consolidando dessa maneira como o pai da Ecolinguística.

Diante de todo exposto, percebeu-se, após contato, o modo como a língua cigana transita nos múltiplos territórios e se mantém viva, contextualizando seu uso na dimensão cultural e principalmente no meio ambiente espiritual como experiência identitária, para enfim decifrar os mistérios desta língua enigmática e pouco estudada na área dos estudos de linguagem, dando visibilidade ao povo cigano, que carrega um estigma tão pesado até os dias de hoje: o preconceito.

## **2. A gênese cigana**

Nossa breve viagem se inicia falando do imaginário que a sociedade carrega sobre o povo cigano, tendo em vista que, desde sempre, este foi um povo perseguido por todos e pela Igreja, que os via como malignos diante de Deus, já que o cigano celebra a vida de forma diferenciada, ou seja, em toda a sua manifestação, sempre aliada ao elemento natureza. Contudo, por causa da sua cultura, os ciganos são incompreendidos e vistos como uma ameaça. Vaz cita que a cultura cigana é polêmica por se tratar de uma tradição espelhada em festas de natureza religiosa e também pelo ofício destinado às mulheres da comunidade cigana. A elas coube a missão de ver o futuro, sendo essa uma característica da sua cultura.

Vale ressaltar que essa prática era muito abominada pela Igreja, que não tolerava e as perseguia cruelmente, por acreditarem que essa prá-

tica, ia contra os seus princípios (Cf. TEIXEIRA, 2008). Como pode se observar, o povo cigano teve os seus direitos negados, ficando invisível em sua maioria, por não ter direito à saúde, habitação e à educação. É conveniente citar que ele foi obrigado a caminhar em diáspora, o que veio a ocasionar as mais variadas línguas, principalmente, por causa do contato com vernáculos locais. Contudo, mesmo em meio a tantas adversidades, o povo lutou para preservar sua cultura através da língua e da fé, perpetuando sua tradição.

Sabe-se, por meio de estudiosos da língua e pelos antropólogos, que os ciganos são originários da Índia. Chega-se a essa constatação por serem reconhecidos em sua fala traços do sânscrito (a língua que tinha como característica o segredo sobre ela). Os ciganos caminharam em direção ao Oriente e depois em várias direções e se subdividiram em três grandes grupos: o *rom* (migrou para as Américas), o *sinti* (migrou para a Alemanha, Itália e França) e o *calon* (migrou para Portugal e Espanha), deixando sua marca em cada território.

No Brasil, os primeiros ciganos chegaram no séc. XVIII, deportados de Portugal, a cabo de duras leis. Desde sua chegada, ocuparam territórios depreciativos, como apontado por Rodrigo Teixeira (2008), áreas abandonadas e insalubres, que, com o passar do tempo, se tornariam um polo de comércio popular. Vale registrar que os ciganos que outrora chegaram depreciados, por meio do seu talento com o ofício do comércio ascenderam socialmente e usufruíram do prestígio da época, frequentando a alta sociedade e foram aceitos até no reinado. Outro ponto relevante a ser citado é o fato de o Brasil ser o segundo país do mundo com o maior número de população cigana em seu território. Ficaram invisíveis e alheios às políticas públicas, além de não serem mencionados na formação do povo brasileiro, sendo omitidos de toda a nossa história, como aponta Teixeira.

Figura 1: Ciganos no mundo.



Fonte: Pellegrini (2015).

### **3. Amor de salvação: A língua cigana**

Para o povo cigano, sua língua representa sua identidade, sendo guardada para sua proteção, pois, por séculos, o cigano teve sua vida dizimada e perseguida e a língua era vista como salvação. O seu uso é evidenciado em diversos contextos culturais, porém várias foram as tentativas de proibição, para que o cigano se perdesse e, assim, fosse amputada sua tradição ao perder sua língua. Diante do exposto, os conceitos de Halliday (1976) sobre a antilíngua são pertinentes, ao se tratar de ciganos, visto que essa maneira de comunicação é tida como a língua paralela, criada por uma determinada comunidade linguística como segredo aos que não pertencem a ela. Tal situação justifica a dificuldade encontrada em discutir sobre a língua com falantes reais, pelo fato de, entre os ciganos, a comunicação ser feita no intuito de se proteger e manter-se fora do território, através da língua vernácula do território em que residem.

A antilíngua é criada conscientemente para ser o símbolo de uma oposição à língua da sociedade maior. Portanto, frequentemente ela é artificial, não tem uma história, por assim dizer, natural. A antilíngua não é língua materna de ninguém. Ela é muito dinâmica, está sempre se transformando para se adaptar a novas circunstâncias e, às vezes, até mesmo a modismos. As formas específicas de antilíngua têm a mesma forma da língua envolvente em subjacência. Praticamente todos os termos das antilínguas elencados abaixo têm como referência o equivalente na língua contra a qual se opõem. A antilíngua é uma língua parcial. Ela nunca preencheu todas as necessidades comunicativas de seus usuários. (COUTO, 2010, p. 99)

As comunidades ciganas, à custa de tanta perseguição, buscaram uma maneira de perpetuar sua natureza e costumes. Encontraram-na através da sua língua, que, para todos, é sagrada e minimizadora dos prejuízos causados pela diáspora. Vislumbramos que, no percurso da história, a língua foi e é o elo entre irmãos, seja pela abreviatura da solidão ou da saudade de um povo. Ela sempre esteve presente na união e fortalecimento de um povo e os ciganos a tem como néctar em momentos de desesperança, alimentando cada dor do coração (Cf. BARRETTO, 2020).

Atualmente, vale ressaltar que a língua cigana sofreu modificações perceptíveis, segundo Moureau (2010), causadas pelos inúmeros contatos, pela repressão linguística e pelo processo de bilinguismo. Dessa forma, foi perdido muito da língua original, contudo, a língua hoje é protegida por instituições que tentam minimizar as perdas e evitar sua morte, por meio de políticas de defesa em congressos e jornadas. Como já foi mencionado, os ciganos se distinguem em três grandes grupos:

- O *rom*: Fala a língua romani;

É dividido em vários subgrupos;

Migrou no séc. XIX para as Américas.

- O *sinti*: Fala a língua *sintó*:

É encontrado na Alemanha, Itália e França.

- O *calon*: Fala a língua *caló*:

É tido como cigano ibérico, vive em Portugal, Espanha e Europa;

Foi deportado ou migrou para a América do Sul. (Cf. BARRETO, 2020)

#### **4. A fé que acaricia**

O caminho que agora se inicia é o caminho da fé cigana, caminho que minimiza as dores em Santa Sara, a santa cigana. O povo cigano é devoto da santa que, em igual proporção, foi perseguida e sobreviveu pela fé, após estar à deriva, aportando no vilarejo de *Saint Marie-de-la-Mer*, no sul da França. Ela prometeu propagar sua fé, servindo ao Evangelho até os seus últimos dias na Terra e o fez com louvor usando, como na tradição cigana, um lenço em sua cabeça. Para os ciganos, o imaginário da fé perpassa todos os adjetivos humanos, pois é na fé que encontram o alento, a calma, a paz e o encontro com o que há de mais supremo: O Criador.

A cada ano, no mês de maio, há uma peregrinação até onde hoje é uma Igreja, como menciona Paiva (2015). Nesse momento, os fiéis começam a procissão em vigília e depois apontam ao mar para o ritual da fertilidade, pois acredita-se que Santa Sara é Santa das mulheres que almejam ter filhos. Vale destacar que, no Brasil, a Santa Cigana é Nossa Senhora Aparecida, a Santa negra como a santa cigana, que é reverenciada por toda a comunidade através das orações invocadas em momentos de dor, desalento, de chegada, de despedida e de alegria. A Santa adorada é lembrada em todos os momentos, com linguagem íntima.

Entre as comunidades ciganas há uma curiosa maneira de propagar a sua fé, eternamente trazida de geração a geração e transportada aos mais jovens são as chamadas *slavas*. Estas ocorrem no dia do santo escolhido como protetor de cada criança da comunidade, que é escolhido pe-

los pais através de algum sinal (sonho, promessa ou graça alcançada), e este santo a acompanha por toda a vida. Todo ano, os pais prestam homenagens ao santo escolhido e, ao partirem, quem prossegue com a *slava* é o filho que o fará até o final da sua vida. Nesta cerimônia, convidam-se os amigos mais íntimos para se juntarem à mesa, onde serão servidas iguarias como pão, vinho, frutas e outros alimentos (Cf. BARRETTO, 2020).

Existe uma Pastoral, criada em 2005 pelo Papa João Paulo II, no intuito de atender às necessidades das comunidades nômades ao redor do mundo, através da sua cultura, sem que estes povos sejam discriminados por suas tradições: a Pastoral dos Migrantes. Nela, a Igreja orienta aos seus membros para se aproximar dos povos nômades sem preconceito, mas pelo que outrora era tão perseguida pelas instituições religiosas do mundo todo. A grande tem uma luta contra o preconceito que ela mesma promoveu à custa de muitas vidas inocentes.

Para os ciganos, a religiosidade é um traço identitário, compartilhado principalmente pelo animismo, que se constitui na crença de que a natureza também faz parte do mundo espiritual. A Igreja tem à sua frente um desafio muito longo para que seja estabelecida a plena comunhão entre ciganos e não ciganos: vencer o preconceito que muitos ainda cultivam por este povo. (BARRETTO, 2020, p. 37)

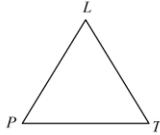
## **5. O trilhar metodológico: Caminhos trilhados**

### **5.1. A ecologia da língua**

O viés da análise se baseou nos conceitos da Ecolinguística, que é uma ótica nova de se discutir a língua. Temos, no Brasil, como vemos, um representante dessa teoria, o professor Hildo Honório do Couto, que é o grande difusor dessa disciplina e a conceitua como o estudo das relações e inter-relações entre a língua e o meio ambiente. Em relação aos estudos de Couto (2007), as interações linguísticas funcionam de acordo com os mesmos princípios de interações, entre povo, língua e território, desse modo, foi criada a noção tripartite ou assim chamada de Ecossistema Fundamental da Língua, que afirma que, para que haja uma língua, é necessário haver pessoas (povo) num determinado lugar (território) que a utilize, sendo essa a base da Ecolinguística.

Vejamos esta ilustração sobre o Ecossistema Fundamental da Língua:

Figura 2: O ecossistema fundamental da língua.



Fonte: Couto (2007, p. 90).

É válido ressaltar que nesses processos existem características como interação, diversidade, abertura, holismo, adaptação, caráter dinâmico (evolução), visão de longo prazo, dentre outras. Nessa perspectiva, Couto (2007) afirma que o objeto é observado suas inter-relações que há no interior do ecossistema. Depois dessa primeira análise, a interação é objeto de contemplação nos estudos, ou seja, a base da língua na forma das suas interações verbais, constituídas no interior do ecossistema linguístico.

## **5.2. Abrindo a análise ecológica**

A comunidade cigana, por muito tempo, caminhou em vários territórios e conseqüentemente conviveu com as mais diferentes comunidades linguísticas, havendo assim sua interação e também sua relação com os mais variados ambientes. Dentro desse panorama, debater os conceitos da Análise do Discurso Ecológica (ADE), pautados nas leituras de Albuquerque (2018), foi imprescindível para utilização do arcabouço metodológico: o fenômeno do *modus dicendi*, por se tratar do modo de se expressar de um povo. Esse meio propiciou a observação de elementos culturais e espirituais através da devoção a Santa Sara Kali, através da contextualização da linguagem e sua identidade.

É conveniente afirmar que os conceitos da ADE suprem a dimensão espiritual debatida e o tem como parte do ecossistema linguístico, pois os ciganos, ao se conectarem com o Supremo, vislumbram um encontro com o sobrenatural por meio da oração. Há uma interação profunda entre os membros que são tomados por uma força superior.

A ADE põe em primeiro plano a questão da vida na face da terra, a ecoló-

gia, que é parte da biologia. Vale lembrar que não negamos questões ideológicas, políticas, psicanalíticas, entre outras, apenas não as consideramos fundamentais e fazemos usos de tais questões somente quando necessário para uma análise mais completa. Assim, se é para falar em ideologia, que seja a ideologia ecológica ou da vida. (ALBUQUERQUE, 2018, p. 43-4)

### **5.3. *Corpus Theoretical: Dialogando com o supremo***

Convém ressaltar, que para experimento, o uso de uma oração produzida pelos falantes da língua cigana foi assertivo, por essa ser muito utilizada pelos interlocutores em contextos de intimidade espiritual no dialogar com o Supremo, haja vista a comunicação ser íntima e única. A oração é de autor desconhecido e foi criada em 1712, ano da beatificação de Santa Sara como a única Santa oficial dos ciganos.

Figura 3: Homenagem à Santa Sara.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

### **5.4. *Os caminhos alcançados***

Para conduzir essa investigação, a etnografia foi escolhida com base nas leituras de Mattos (2001), o que trouxe um olhar diferenciado para o contato direto e prolongado com o povo e sua cultura, cuja interação constitui um objeto de estudo. Nesses encontros, o olhar *in loco* mostrou sua história, intrínseca aos que não compõem a comunidade. Vale citar que foram encontros com largas conversas sobre os caminhos, dores, dissabores, amores e estradas recheadas de tanta esperança na fé em Santa Sara.

Um estudo etnográfico produz um conhecimento que nos aproxima das visões de mundo do povo estudado e nos oferece uma análise qualitativa sobre as categorias, bem como estruturas sociais, interpretações que se confrontem com a construção interna dos significados e não tanto como uma procura por parte do pesquisador, mas de uma coerência do discurso

teórico e as mais diferentes impressões pessoais sobre o objeto de estudo. (BARRETTO, 2020, p. 56)

Após o primeiro momento, os conceitos da Linguística de Corpus (LC), ramificação da Linguística, foram primordiais, pois esses se valem da coleta e análise de dados por textos produzidos por falantes reais. Diante desse contexto, o material utilizado, foi produzido por um falante real (*modus dicendi*) para vivenciar a realidade cigana em ambiente espiritual, pois a oração escolhida é bem difundida entre os ciganos católicos universalmente.

### **5.5. Alcançando o céu de Santa Sara**

Desde o início dos tempos, o homem busca sentido em sua vida, busca acreditar em uma forma superior que o rege, governa e guarda. A maneira encontrada de chegar aos céus se dá pela oração, que é uma reza direcionada a quem se tem fé conectada pela súplica e outros propósitos.

A comunidade cigana, com tantas adversidades, precisou encontrar-se na fé em Santa Sara para minimizar as dores do caminho, a solidão da estrada, as duras repressões e rechaços ao longo de toda a sua história silenciosa. Todos os ciganos se conectam em oração, por ser esta a forma de minimizar a longa estrada ainda a caminhar. Pensando nessas questões tão intrínsecas, a oração escolhida, representa o povo que a difundiu com muita frequência em seus ritos, pela identificação com o sofrimento representado por ela.

Para obter comunhão com o Divino, a oração sintetiza e exemplifica a alma cigana. Abaixo, segue o primeiro fragmento:

“Tu, Sara Kali, que estás no céu, olhe para nós,  
teus filhos, que estamos aqui na terra...  
Nos cubra com sua misericórdia e amor.  
Que o seu manto nos envolva a todos neste momento,  
tirando de nós todas as tristezas, as doenças, as invejas, as mágoas.”

O imaginário que se tem sobre Santa Sara é de que ela é um portal entre o meio ambiente natural com o meio ambiente espiritual principalmente pelas preces enviadas para se conectarem com o Supremo e há, neste fragmento, também segundo os conceitos da Ecolinguística, a marcação do território (T) no qual os ciganos estão inseridos, pois a Terra aqui apresentada é o espaço por eles habitado, ou o seu território, longínquo do lugar onde a Santa reside.

Agora, segue outro fragmento para nossa análise:

“Tu que sofreste em vida, sabe o que cada um de nós está passando, nos dê força para superarmos todas as provações e as dificuldades, que envolvidos por seu amor, sairemos ilesos de tudo isto.”

Percebe-se aí uma identificação com seu sofrimento e sua dor. Esse fato conforta e faz com que os ciganos não se sintam sozinhos nesta grande estrada da vida. Saber que alguém ouviu sua história de dor, de alegria, de superação, traz a chamada paz.

As comunidades ciganas encontram no espiritual sua libertação. Nesse momento, a sua essência é revelada, sem máscaras, sem rótulos, sem preconceito e com o diálogo com o mundo sobrenatural. Segundo Elza Couto (2015), a vida é o principal fundamento da ADE e se estende na dimensão espiritual.

“Segure em minha mão, e como uma mãe bondosa que olha para uma criança, nos leve para os caminhos que devemos trilhar e nunca nos deixe cair, nos caminhos que nos levará para longe de ti. Santa Sara que eu seja digno do seu amor e de sua proteção, abençoe minha vida, a de minha família, a de meus amigos e de meus inimigos, para que assim meus inimigos possam se distanciar de mim, e não mais me direcionar nenhum mal. Permita que eu beije suas mãos e o seu coração, que eu seja seu filho abençoado para todo o sempre. Amém!”

Vale registrar que a oração é um elo entre indivíduos, pois acalma, aproxima as pessoas e afasta o sofrimento que as acompanha ao longo do caminho. Em vista disso, a dor dá lugar à perfeita comunhão, ao se ter a convicção de que se é ouvido.

Na ADE, temos a interação e, nesta oração, a encontramos, pois há uma interação profunda entre povo-povo (relação entre pessoas numa mesma sintonia). Atentemos ao fato de que, em relação à análise das orações, podemos perceber que o meio ambiente espiritual está intrinsecamente embutido e faz parte do universo cigano no que tange ao contato com as várias expressões linguísticas na formação do ecossistema. A fim de analisarmos o seu discurso nesse ecossistema propriamente dito, nos valem dos conceitos ecológicos que moveram e movem as comunidades ciganas historicamente ao longo dos séculos. (BARRETTO, 2020, p. 66)

Figura 3: Imagem de Santa Sara em capela de Cabo Frio-RJ.



Fonte: Simone Barretto, em fevereiro de 2020.

## **6. Considerações finais: Caminhos a serem desbravados**

Debater sobre o povo cigano é entrar por um caminho repleto de mistério, de incontáveis histórias que até hoje aguçam a curiosidade pelas constantes mudanças de cenário que os andarilhos da terra (os ciganos) tiveram que trilhar. Incerta é sua origem, que não tem registro dada sua condição de povo ágrafo. Muitas vezes o imaginário recriou sua história e contou-se vários capítulos destes coadjuvantes da vida, que têm, na resistência, o seu caminho.

Povo sem país, sem passado escrito, mas com uma identidade bem definida, apesar de estereotipada. Sua história é viva no contar, no movimento, no lugar que se passa. (BARRETTO, 2020, p. 76)

É conveniente citar que o constante movimento trouxe para sua história um novo capítulo a cada dia, trazendo nuances instigadoras que motivam qualquer desbravador de solos nunca antes percorridos a caminhar, visto que a riqueza do *corpus* aliada aos conceitos do meio ambiente da Ecolinguística e da ADE foram imprescindíveis para a análise das relações e inter-relações entre língua e seu meio ambiente, pois nos permitiu uma visão holística do nosso objeto.

Eleger uma oração muito difundida entre os ciganos no meio ambiente espiritual criou uma porta de ligação entre o meio ambiente mate-

rial e o meio ambiente espiritual e fez com que um povo oculto aos nossos olhos se mostrasse pluralmente para que sobrevivessem através da fé. A alegria na caminhada colorida dissipa lágrimas lançadas e manifesta a cultura tão ímpar desse povo que, por onde passa, deixa, pelo caminho, suas tradições alicerçadas nas suas raízes milenares.

Para finalizar o artigo, vale registrar a saga cigana, que vai além dos territórios transitados pela ecologia da língua e é encontrada nas estradas da vida, no caminho que sempre foi companhia em dias quentes e em noites solitárias, fazendo a ilustração da alma cigana, que brilha mesmo quando tudo está às escuras, pois o sorriso e a alegria transbordam e trazem a força necessária para prosseguir na caminhada de sobrevivência diária. É essa força que aguça a curiosidade que trará novos curiosos e novas pesquisas nos estudos de linguagem para engrossarem a escassa bibliografia cigana.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Davi Borges de. *Ensaio de ecolinguística teórica e aplicada*. Brasília: Anderson Nowogrodzki da Silva Editor, 2018.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Os ciganos e os processos de exclusão. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 33, n. 66, p. 95-112, dezembro de 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882013000200006&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882013000200006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 04 de junho de 2020.

BARRETTO, Mônica Cristina Soares. *Aos ciganos, as estradas da língua: uma viagem ecolinguística*. Dissertação (Mestrado em estudos de linguagem) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020. 85p.

COUTO, Elza Kioko Nakayaki Nenoki do; ALBUQUERQUE, Davi Borges de. Análise do discurso ecológica: fundamentação teórico-metodológica. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 23, n. 2, p. 485-509, Belo Horizonte, 2015.

COUTO, Elza Kioko Nakayaki Nenoki do. O meio ambiente dos ciganos de Aparecida de Goiânia-GO. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 213-36, Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. Revisitando a Análise do Discurso Ecológica (ADE). *Via Literaria Revista de Linguística e Teoria Literária*. v. 7, n. 1, p. 117-29, Aná-

polis, jan./jun. 2015.

COUTO, Hildo Honório do. *Anticrioulo*: manifestação linguística de resistência cultural. Brasília-DF: Thesaurus, 2002a. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/about/Anticrioulo.html?id=gUpVIcClTpYC&printsec=frontcover&source=kp\\_read\\_button&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books/about/Anticrioulo.html?id=gUpVIcClTpYC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em 04 de junho de 2020.

\_\_\_\_\_. *Ecolinguística*. Faculdades Planalto, Brasília, 2002b. Disponível em: [http://www.ecoling.unb.br/images/3\\_Ecolinguistica.pdf](http://www.ecoling.unb.br/images/3_Ecolinguistica.pdf). Acesso em: 04 de junho de 2020.

\_\_\_\_\_. Ecosistema cultural. *Ecolinguística*: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 04, n. 01, p. 12-26, 2018.

\_\_\_\_\_. Linguística Ecológica. *Ecolinguística*: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015.

\_\_\_\_\_. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/22250/20296>. Acesso em: 04 de junho de 2020.

COUTO, Hildo Honório; COUTO, Elza Kioko Nakayaki Nenoki do. A Questão do Segredo nas Antilínguas: Uma visão ecolinguística. *Confluência*. n. 39/40, p. 92-110, 2º semestre de 2010/1º semestre de 2011.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Por uma Análise do Discurso Ecológica. *Ecolinguística*: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 01, n. 01, p. 82-104, 2015.

HALLIDAY, M. A. K. Anti-languages. *American Anthropologist*. v. 78, n. 3, p. 570-84, 1976.

MOONEN, Frans. *Anticiganismo*: os Ciganos na Europa e no Brasil. 3. ed. digital revista e atualizada. Recife, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os estudos ciganos no Brasil: 1885-2010*, [s.a.] Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a\\_pdf/1\\_fmestudosciganos2011.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/1_fmestudosciganos2011.pdf). Acesso em: 03 de julho de 2020.

\_\_\_\_\_. *Políticas ciganas no Brasil e na Europa*: Subsídios para encontros e congressos ciganos no Brasil. Recife, 2012.

MOUREAU, Géraldine Chantal. *Influência do calão cigano nas línguas portuguesa e castelhana em contextos de comunicação de massa*. Dissertação

tação (Mestrado em Estudos Ibéricos), Covilhã, 2010.

PAIVA, Asséde. Santa Sara ou Sara e Astartéia. Benficanet, 2015. Disponível em: <http://www.benficanet.com/ciganiada/santa-sara-ou-sara-e-astarteia.php>. Acesso em 04 de junho de 2020.

PELLEGRINI, Luis. *O povo andarilho*. 511. ed., 2015. Disponível em: <https://www.revistaplaneta.com.br/o-povo-andarilho/>. Acesso em: 21 de junho de 2020.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *História dos ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

VAZ, Ademir Divino. José, Tereza, Zélia... e sua comunidade um território cigano. *Revista Trilhos – Revista da Faculdade do Sudeste Goiano*, v. 3, n. 3, p. 95-109, Pires do Rio, 2005. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/215/o/Vaz\\_ademir\\_divino\\_territorio\\_cigano.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/215/o/Vaz_ademir_divino_territorio_cigano.pdf). Acesso em 04 de junho de 2020.

Outra fonte:

PAPA recebe ciganos e pede fim de preconceito. BOL Notícias. 2015. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/internacional/2015/10/26/papa-recebeciganos-e-pede-fim-de-preconceito.htm>. Acesso em 04 de junho de 2020.